

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

12-1-1980

1980 Vol. 26: Chamados A Uma Vida Nova, Um Programa Para Seis Anos

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1980). 1980 Vol. 26: Chamados A Uma Vida Nova, Um Programa Para Seis Anos. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/27>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

CHAMADOS A UMA VIDA NOVA.



UM PROGRAMA PARA SEIS ANOS.

CONGREGAZIONE DELLO SPIRITO SANTO - CLIVO DI CINNA, 195 - 00138 ROMA

Durante as sessões plenárias do Conselho , em Novembro, a Equipa Generalícia reflectiu sobre as grandes linhas do Capítulo Geral. Neste primeiro número de I/D apresentamos alguns aspectos da nossa reflexão. O tema é demasiado vasto para abordar tudo ao mesmo tempo. Aqui queremos simplesmente atrair a vossa atenção para alguns pontos de ordem geral, para alguns apelos e conversões que o Capítulo nos pede como programa para os próximos seis anos. Sucessivamente e mais em pormenor, nos números seguintes, retomaremos os temas principais.

Oxalá vos possamos assim ajudar na vossa reflexão sobre o Capítulo de 1980; estamos, porém, convencidos de que vós mesmos encontrareis muitos outros aspectos que merecerão ser aprofundados e meditados.

Eis-nos chegados à última etapa do nosso Capítulo Geral: o após-Capítulo. É sempre uma etapa decisiva, o momento único em que a semente se torna trigo, em que a Palavra se incarna. Agora é o momento de cada qual tomar nas suas mãos o peso desta aliança que o Senhor, mais uma vez, renova com toda a Congregação: momento de graça, que exige longo tempo de oração e de reflexão. Para o tornar uma realidade serão necessários tantos esforços e tempo como para a preparação do Capítulo . Os documentos capitulares que há pouco recebestes não são um simples relatório do Capítulo; não são mesmo o resumo das conclusões sobre as quais os capitulantes chegaram a acordo. São muito mais do que isso: dão-vos uma experiência de fé através da qual o Espírito quer falar à Congregação e renovar com cada um de vós a aliança que permitirá ao mesmo Espírito abrir, para o nosso Instituto, os caminhos novos do "curso da Palavra". São o nosso programa de vida para os próximos seis anos. Devemos investir nele todos os recursos do nosso coração e do nosso espírito. Devemos "rezar" estes documentos, devemos pôr-nos à sua escuta.

RENOVAR O NOSSO OLHAR.



"...Que o Senhor ilumine os olhos do vosso coração a fim de saberdes a que esperança sois chamados" (Ef. 1, 18).

"Estou muito reconhecido por esta graça excepcional que o Capítulo me ofereceu: a de tomar consciência de que pertenço a um conjunto vivo, capaz de renovação, e que me permitiu também ver quão fraternas são neste ponto as relações de uns com os outros..."

Este testemunho de um capitulante, na sua apreciação final do Capítulo, leva-nos directamente ao coração da mensagem capitular. O que marcou mais os capitulantes, não foi o que se escreveu, mas sim o que se viveu. O Capítulo foi, antes de tudo, uma experiência viva. Sem dúvida que partilhámos nele as nossas preocupações e esperanças, os nossos projectos e sonhos. Mas o que nele vivemos foi sobretudo o "ser espiritual", esta dimensão das nossas vidas, difícil de exprimir, em que cada um reencontra a sua identidade na fé. Para além das opiniões, para além da diversidade de tarefas e de situações, cada qual reencontra o que verdadeiramente é, num vínculo que não nasceu da carne nem do sangue, mas de Deus. Se as celebrações mais apreciadas pelos capitulantes foram, (quão comovente ela foi!) a da nossa unidade, no momento da reeleição do Superior Geral, e a da nossa fidelidade à inspiração das origens, a quando das peregrinações a Saverne e ao túmulo do Venerável Padre, isto não foi um acaso. A partilha da "esperança que está em nós", da nossa vida de família, das maravilhas que Deus opera pelos nossos irmãos, foi o coração do Capítulo. Os textos não são mais que um reflexo disso. Quando Paulo visitava as comunidades e partilhava com elas as suas experiências de fé, conservava sempre destas experiências um olhar comovido, um olhar novo. Nas suas cartas, a sua primeira visão é sempre de admiração, de acção de graças pelo dom dos seus irmãos, pelas maravilhas que Deus operou neles. Este olhar novo que brota da graça que está em nós e da nossa vocação: eis o primeiro apelo do nosso Capítulo, um Capítulo que nos pede façamos confiança à nossa vocação espiritual, aos valores fundamentais da nossa consagração apostólica; um Capítulo que nos pede que tenhamos a coragem de lançar o olhar novo e fresco das nossas origens sobre a Missão, sobre o nosso estilo de vida, a nossa vida em comunidade, os nossos compromissos, os nossos projectos. Todo o Capítulo é um retorno ao estado novo, à transparência.

Não se trata, no entanto, de olhar concentrado em nós mesmos. A Congregação não é um espelho narciso, mas antes uma base de lançamento. Somos testemunhas e portadores de um sentido da vida, mas para que brote uma vida nova. Este olhar sobre a nossa vocação leva-nos a amar o nosso mundo e o nosso tempo com um olhar novo e a emprender com eles um diálogo novo também. Mundo, é certo, ao mesmo tempo angustiante e apaixonante, em que a Congregação deve procurar a agenda do seu futuro. A vida, as aspirações, os sofrimentos do mundo a salvar, tudo isto é elemento decisivo para o hoje da nossa vocação.

REALISMO E ESPERANÇA.



"Derramarei o meu Espírito em toda a criatura... Os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens visões" (Joel, 3, 1).

Um Capítulo é sempre um momento de síntese e de discernimento quanto aos apelos e valores. Neste sentido, a primeira síntese do Capítulo de 1980 está, sem dúvida, entre o realismo e a esperança. É aqui que o programa da Congregação ganha raízes, quanto aos seis próximos anos.

Em primeiro lugar, o Capítulo tem em consideração a nossa REALIDADE: não serviria de nada fazer projectos para uma congregação que não seria a nossa. Na secção

Na secção sobre a Missão, o Capítulo enumera os nossos sinais de sofrimento, as interrogações sobre a Missão hoje (V.S., 29-31), o declínio das vocações espirituanas no Hemisfério Norte (V.S., 32). Sublinha que colectivamente envelhecemos muito (V.S., 33); reconhece mesmo que a nossa comunidade espiritual, por vezes, se tornou culpada de injustiças e de violação dos direitos do homem (V.S., 80).

Mas, ao mesmo tempo, o Capítulo insiste sobre os sinais de ESPERANÇA e de vida nova na realidade espiritual: rejuvenescimento da Congregação por meio das novas Fundações (V.S., 35), conversão missionária de numerosos confrades (V.S., 36), preocupação pela unidade da Congregação (V.S., 44), iniciativas tomadas no domínio de "Justiça e Paz" (V.S., 78), pesquisa para melhorar a qualidade da nossa vida comunitária (V.S., 90), progresso feito quanto à solidariedade com os nossos confrades em dificuldade, doentes ou aposentados. O importante está realmente nisto: fazer realçar o conteúdo e o ganho evangélico da nossa situação actual, da "esperança que está em nós". Só então o Capítulo pode falar de planificação, de projectos que reagruparão as nossas forças e darão um rosto novo à Congregação (V.S., 235), de prioridades missionárias a reter e de programas de formação a relançar. Embora respeitando a diversidade de situações e culturas, o Capítulo sublinha a nova unidade (V.S., 227), olha corajosamente para o futuro (V.S., 4), relança a Missão, a formação, o governo, a política espiritual quanto à Justiça e Paz. Quer estar à escuta das novas Igrejas, da Missão de amanhã. Este Capítulo de 1980 foi o Capítulo das novas Fundações, do primeiro Assistente africano, de "Justiça e Paz".

CAMINHAR JUNTOS

A CAMINHO DE UMA NOVA CORRESPONSABILIDADE

O Capítulo de 1968-1969 tinha abrido à Congregação os caminhos da subsidiaridade; o de 1974 pedira-nos um olhar mais penetrante: descobrir, no interior da nossa diversidade, os apelos e intuições comuns; foi o Capítulo da solidariedade. O de 1980 fez o ponto da situação e procurou fazer a síntese. É esta, segundo nós, a segunda linha de orientação deste Capítulo. A palavra que melhor exprimiria esta orientação talvez fosse a de CORRESPONSABILIDADE: todos juntos responsáveis por empenhar a Congregação na vida e programa que queremos realizar juntos, nas conversões a fazer, nas iniciativas a tomar, na esperança nova a despertar.

Devemos animar juntos. O renovamento da vida da Congregação exige a comunhão de esforços e partilha dos dons a todos os níveis. O que diz respeito à animação, especialmente as iniciativas a tomar quanto a "Justiça e Paz" (V.S., 82), renovação da vida de comunidade (V.S., 95), aprofundamento da nossa vida consagrada (V.S., 97-99), nada disto é domínio exclusivo do Conselho Geral, mas antes domínio de estreita colaboração do Conselho Geral com os Superiores Maiores e mesmo com os Superiores locais.

Devemos formar juntos. A corresponsabilidade exerce-se igualmente no domínio da formação. Trata-se de coordenação para que todos os responsáveis cooperem entre si (V.S., 183-184), para pôr em comum os recursos de cada qual (V.S., 194), para programar em conjunto (V.S., 195).

Devemos caminhar juntos. Na sequência de iniciativas tomadas em certas regiões, o Capítulo encoraja as reuniões dos Superiores Maiores a nível regional para porem em comum as suas experiências e abrir pistas para a animação das comunidades, promoção das vocações, empenho pela justiça, educação, formação contínua (V.S., 217).

Juntos devemos reflectir e tomar as decisões. O reconhecimento do Conselho Geral Ampliado como lugar privilegiado de corresponsabilidade marcou uma etapa importante para a unidade e renovamento de vida na Congregação. É nele que devem ser tomadas e assumidas, em conjunto, as grandes decisões.

Mas, ao mesmo tempo, o Capítulo lembra que esta corresponsabilidade precisa de ser coordenada. Sublinha também a função do Conselho Geral : coordenar e assumir a responsabilidade das iniciativas concernentes a toda a Congregação quanto à formação (V.S., 183), "Justiça e Paz" (V.S., 83), comunidade (V.S., 95), espiritanos não-padres (V.S., 97), Fundações (V.S., 135), planificação e repartição do pessoal, e novos compromissos a tomar (V.S., 228).

DO "AGGIORNAMENTO" À CONVERSÃO:



AS GRANDES PISTAS DE UM PROGRAMA.

*"Procurai Deus, enquanto pode ser encontrado,
Invocai-o, enquanto está próximo" (Is., 55, 6)*

O Capítulo de 1980 é o último antes da promulgação das novas Constituições. Depois do Concílio esforçamo-nos por fazer o nosso "aggiornamento". Esta actualização é agora uma constante; não podemos já fazê-la parar. É claro que a promulgação das novas Constituições supõe a aquisição de valores de uma certa estabilidade. E o passo decisivo a dar, nestes próximos anos, será o de ir o mais longe possível neste "aggiornamento", terminar numa verdadeira conversão. Este apelo ressoa ao longo dos documentos capitulares, pois as grandes pistas que o Capítulo propõe como programa para a Congregação, são todas, de facto, pistas de conversão a realizar.

1 - REPOR-SE NO ESSENCIAL DO EVANGELHO.

Retomar o "coração do essencial" é sem dúvida a primeira grande linha do programa do nosso Capítulo. Já foram recordadas algumas das suas sínteses: a reconciliação entre o realismo e a esperança, entre a solidariedade e a subsidiariedade. Mas a síntese mais evidente dos documentos capitulares incide primeiro sobre o essencial: CRISTO. Todos os documentos estão centrados nele, tudo irradia em torno dele. Cristo é em todos os documentos como que o seu centro e a sua inspiração. É o ponto focal da Missão, de "Justiça e Paz", da vida de comunidade, da formação... Tudo nos recorda que a nossa vocação é mistério antes de ser mister, que nós somos pertença dele, antes de sermos pertença nossa.

A Missão é encarada, primeiramente, como uma aventura de fé (V.S., 48) :

- experiência pascal, é participação na morte e ressurreição de Cristo (V.S., 50);
- nova encarnação da Palavra de Deus hoje, está no centro desta Palavra (V.S., 51);
- descoberta das riquezas que o Espírito de Deus espalhou pelo mundo, está no coração deste Espírito (V.S., 51);
- reconciliação e festa, está no coração do Amor (V.S., 52);
- libertação integral do homem, é fruto da conversão e da presença de Jesus-Cristo (V.S., 53).

A Justiça e Paz que queremos anunciar ganham as suas raízes e inspiração na própria fonte da Missão, o amor de Cristo derramado nos nossos corações pelo seu Espírito que nos é dado, este mesmo Espírito que nos permite reconhecer Deus como Pai (V.S., 76). Tomamos uma consciência mais nítida de que a verdadeira libertação exige a proclamação e a presença de Jesus-Cristo, que transforma radicalmente os corações e reconcilia os homens entre si e com Deus (V.S., 54).

Este "coração do essencial" conduz-nos também à VIDA DE COMUNIDADE (V.S., 93-95). Os textos voltam à síntese de Libermann, que tinha feito da vida de amor e de santidade que o Filho de Deus tinha vivido sobre a terra o coração da vida apostólica espiritana.

No centro do documento sobre a FORMAÇÃO é ainda Cristo que surge, único formador autêntico e único projecto de todos os Espiritanos. Toda a formação é encarada como uma caminhada de fé, um caminhar para Ele (V.S., 153, 156, 159, 181, etc...). É nele que encontram a sua raiz e o seu ideal a vocação e programa de todo o Espiritano.

2 - DESPERTAR PARA O UNIVERSAL.

"... a reflexão sobre as experiências missionárias recentes leva-nos a ultrapassar uma concepção territorial da Missão e substituí-la por uma outra que reconhece o apelo para todas as situações missionárias em que o Evangelho deve ser proclamado" (V.S., 56).

Somos chamados a ser missionários de um tempo e de um mundo novos. É o tempo do universal, da comunhão entre as culturas; o tempo em que a mudança e o futuro são valores de base. Palavras como Missão nova, novo tempo da Missão, nova época missionária, aparecem continuamente ao longo dos documentos capitulares.

O Capítulo lembra-nos que estas mudanças, que afectam a nossa vida missionária, não são fenómenos passageiros e superficiais. Reflectem as mutações do mundo e o renascimento em profundidade da Igreja. Não podemos voltar ao passado (V.S., 19). O nosso futuro depende da nossa capacidade de captar estas novas situações. Não são apenas os campos de evangelização que mudam, mas também os caminhos, os ritmos, os companheiros. O aparecimento de novos centros de vitalidade da Igreja, sobretudo no Hemisfério Sul, o contributo das novas Igrejas, "das suas riquezas e dos seus tesouros", a diversificação dos pontos de partida para a Missão, a inter-cultura, darão um rosto novo à Missão de amanhã. As mudanças previsíveis obrigar-nos-ão à conversão de mentalidades, a novos modos de conceber a Missão, e até a novos modos de viver (cf. I/D, nº 25). O lucro das novas Fundações é daqui que toma todo o seu alcance: a implantação entre as nações de culturas tão diversas representa para a Congregação novos desafios, a possibilidade de novas expressões do carisma espiritano, um contributo para o rejuvenescimento nos seus membros, nas suas mentalidades, nas suas culturas (V.S., 123).

Tendo em conta as exigências da Missão de hoje, os novos apelos, uma Congregação a remodelar, teremos nós a coragem de fazer as "migrações" necessárias, a coragem de tomar compromissos novos nas terras onde já estamos ou noutras? Envelhecer nos compromissos tomados é mais grave do que envelhecer no pessoal. Uma das tarefas mais importantes para os próximos seis anos será a de lançar os fundamentos para este futuro que o Capítulo "sonhou" para a Congregação de amanhã.

3 - CONVERTER-SE À JUSTIÇA E À PAZ.

"O Capítulo dá ao futuro Governo central um mandato explícito para que considere como eixo primordial do seu ministério a animação no domínio de Justiça e Paz" (V.S., 83).

"O primeiro caminho que a Igreja deve percorrer na sua Missão é o homem", disse João Paulo II. Os documentos capitulares convidam-nos, de modo mais urgente do que nunca, a uma nova solidariedade com as situações humanas, a novas formas de presença e de diálogo com o mundo. Os Espiritanos caminharão pelos caminhos do futuro se, na fase actual de apreciação, de reorientação e de novas escolhas, tiverem a coragem de voltar francamente o seu olhar para os pobres de hoje. Num mundo em que "o grito dos pobres" se eleva cada vez mais alto, sobretudo na escumalha da injustiça, da opressão e da exploração, o Capítulo convida-nos a um novo arranque. Em termos franciscanos falaríamos de "voltar a Assis".

O empenho pela Justiça e Paz foi uma das grandes intuições do Capítulo. Nunca, nas instâncias capitulares precedentes, este apelo tivera um semelhante vigor. É uma das orientações-chaves do Capítulo de 1980 e deve ser uma das grandes fontes de inspiração para o renovamento da Congregação: pôr-nos-á em estado de conversão permanente (V.S., 79) e levar-nos-á a rever o nosso comportamento, as nossas opções; a nossa disponibilidade e o nosso estilo de vida. O Capítulo vai mesmo até ao ponto de nos pedir que estejamos prontos a arriscar a própria vida ao lado dos pobres.

4 - DAR TESTEMUNHO DA NOSSA VIDA RELIGIOSO-MISSIONÁRIA.

"...que um dos objectivos prioritários da animação missionária, para os próximos seis anos, seja a "nossa pertença", isto é, que somos, antes de tudo, uma Congregação religioso-missionária, em que todos os membros vivem como irmãos" (V.S., 97).

A vida religiosa é o nosso investimento mais rentável ao serviço da Missão e dos pobres. A Missão de Cristo foi, antes de tudo o mais, partilhar com os Apóstolos a sua vocação, motivá-los para viverem com Ele esta aventura de ser Filho e testemunha do

Pai. Nele o amor do Pai era fascinante. Todo o seu esforço de animação levou ao aprofundamento desta vocação para a colocar no coração dos seus, no centro das suas preocupações e do seu projecto de vida.

A igualdade e fraternidade de todos os Espiritanos têm as suas raízes na fonte desta experiência, na fé. O Senhor chamou-nos, antes de tudo, para vivermos juntos o dom total do Pai. A diversidade de empenhos no seio de uma única e mesma família, de uma só mesma vocação, torna-se secundária. O Capítulo pede-nos que ponhamos o acento sobre esta dimensão profunda das nossas vidas, que nos une, antes de nos distinguir. Pede-nos concretamente que abramos um espaço novo à igualdade, um espaço novo para os Irmãos. O lugar dos leigos é cada vez mais decisivo na Missão de amanhã. Campos como Justiça e Paz, mundo operário, mass-media, marxismo... exigem uma presença activa e militante, a que só a vocação leiga poderá responder. E então, porque é que as vocações leigas estão a desaparecer na Congregação? Porque é que procuram antes outros caminhos e outras formas de vida consagrada? O Capítulo não levou muito longe a sua reflexão neste domínio, mas o princípio de base foi lançado. Teremos nós a coragem de tirar todas as conclusões? Estamos prontos a abrir-nos às exigências da Missão de hoje e a ultrapassar a situação presente da nossa Congregação, em que os jovens Irmãos têm dificuldade em encontrar a sua identidade?

5 - DAR UM NOVO IMPULSO À NOSSA VIDA DE COMUNIDADE.

"...o renovamento da comunidade é prioritário para a Congregação no decurso dos seis próximos anos, e nós pedimos à Equipa Generalícia, aos Superiores Maiores e aos Superiores locais que orientem neste sentido a sua animação" (V.S., 95).

A comunidade deve ser sempre a fonte de inspiração e de revitalização da nossa vida apostólica. O Capítulo chama-nos a atenção para a necessidade de a manter sempre viva, em oração. Encoraja-nos também a prosseguir a nossa investigação neste domínio. Renovando a nossa vida de comunidade, pomos à prova a nossa credibilidade e o futuro da Congregação. Dizer isto é dizer toda a importância do assunto. Para dar um coração novo às nossas comunidades, temos de tomar todas as medidas ao nosso alcance: formação permanente, reciclagem, formação de animadores, rotação do pessoal. A nossa fidelidade às diversas solidariedades passa pela solidariedade com a nossa comunidade; é sempre a ela que o Espírito nos reenvia.

6 - A CORAGEM DO FUTURO.

A formação é-nos apresentada como o polo de convergência e de inspiração de toda a Congregação. Mais do que simples recomendações sobre a formação espiritual, o documento é um apelo a um renascimento e a um dinamismo próprios dos começos. Toda a Congregação se deve pôr em estado de formação, não devemos apenas recuperar-nos e reconverter-nos, por causa da lentidão da nossa idade e do peso do dia. Num mundo em perpétua evolução, impõe-se, a cada instante, uma adaptação, para que o nosso testemunho e as nossas vidas atinjam os homens no que eles realmente são. Os nossos olhos fatigados já não podem "adaptar-se", ao olhar para o mundo novo; e os jovens facilmente se dão conta das nossas "cataratas"! "Há lares que não querem filhos", dizia o P. de Couesnon-ngle ao Dominicanos. Também há comunidades que afastam os jovens, com o receio de terem de mudar alguma coisa na sua vida. Os jovens não captarão os nossos apelos proféticos, não se orientarão para o mundo e a Missão, a não ser que, em vez de "ideias" ou de um ensinamento abstracto, encontrem comunidades vivas. Não se comprometerão com as mãos descalças, mas sim com uma experiência de fé bastante profunda para decidirem da sua vida. O Capítulo recordou algumas exigências fundamentais da Missão de amanhã. Este mesmo Capítulo, ao tratar da formação, esboçou um perfil do Espiritano para os anos 80. Todas as grandes linhas destes documentos capitulares se encontram nele, mesmo nas suas hesitações. Os jovens já têm um pé na nova época: a Congregação deve contar com eles, com os seus "sonhos" e com a sua capacidade para descobrir o futuro, para inventar a Missão de amanhã.